

SOBRE “VIRALATISMO” E “PESSIMISMO”: O DISCURSO DA INFERIORIDADE VOLUNTÁRIA DO BRASILEIRO NO ENTORNO DA COPA DE 2014

Júlia Almeida¹

Resumo: O entorno discursivo da Copa do Mundo no Brasil traz às mídias a expressão “complexo de vira-latas” e a discussão sobre a capacidade dos brasileiros no âmbito da organização desse evento. Partindo de um *corpus* de textos da *Folha de S. Paulo*, de *blogs* e de jornais digitais, pretendemos analisar a reaparição do discurso da inferioridade voluntária do brasileiro e a circulação de termos, como “pessimismo”, que lhe parecem associados. Embora não tivéssemos de saída a pretensão de apreender essas expressões como “fórmulas”, no sentido de Krieg-Planque (2011), isto é, como formulações que se tornam passagens obrigatórias em relação às quais os locutores são constrangidos a tomar posições e a fazê-las circular, a ambientação conceitual dessa noção nos serviu como aporte fundamental. Examinando a circulação dessas expressões no período de realização da Copa do Mundo de 2014, percebe-se como o conceito de complexo de vira-latas retorna fortemente marcado por polarizações entre grupos políticos e sociais, como objeto de polêmica, ficando seu uso crítico restrito a *blogs* e *sites online*, e cabendo à grande mídia replicar o “clima de pessimismo” e seu léxico, sem incorporar a crítica que foi levantada sobre seu papel na disseminação do sentimento de inferiorização do brasileiro.

Palavras-chave: Fórmulas discursivas. Complexo de vira-latas. Copa do Mundo de 2014. Identidade nacional.

Abstract: The media discourse in the context of World Cup in Brazil brings the term "mutts complex" and the discussion on the ability of Brazilians in organizing this event. Starting from a *corpus* of texts of *Folha de São Paulo*, blogs and digital newspapers, we intend to analyze the reappearance of the discourse of the Brazilian voluntary inferiority and the circulation of terms such as "pessimistic" that seem associated with it. Even though they are not perceived as “formulas” in the sense of Krieg-Planque (2011); as formulations that become binding passages for which the speakers are forced to take positions and make them circulate, the conceptual setting of that notion served us as a fundamental contribution. Examining the circulation of such expressions during the World Cup 2014, one can see how the concept of “mutts complex” returns strongly marked by polarization between political and social groups, as controversial object, with critical use restricted to blogs and online newspapers, while the mainstream media reverberates the pessimistic atmosphere and its lexicon, without incorporating the criticism that has been raised about its role in the spread of the Brazilian sense of inferiority.

Keywords: Discursive formulas. Mutts complex. World Cup 2014. National identity.

¹ Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Email: almeidajulia@terra.com.br

O momento da realização da Copa Fifa de 2014 traz às mídias nacionais e internacionais a discussão sobre a capacidade dos brasileiros, sobretudo no âmbito da organização da Copa do Mundo, em que se coloca em pauta nossa habilidade de planejamento e execução das tarefas complexas exigidas pelo evento, tratando-se das dimensões de um país continental e da preparação de doze cidades-sede para receber o torneio. O setor do futebol, aquele em que pela primeira vez se falou em complexo de vira-latas na crônica de Nelson Rodrigues, de 1958, ficou mais imune à pendulação ao pessimismo e, apesar do resultado negativo do Mundial para o futebol brasileiro, o “viralatismo” não foi diretamente associado à derrota, bem ao contrário, houve quem excluísse o complexo das motivações do mal resultado nos dois últimos jogos².

Nos meses que antecedem à Copa, vimos, assim, reacender essa longa batalha discursiva em torno das nossas habilidades como brasileiros, ventilada pela circulação da expressão “complexo de vira-latas”, que de certa forma se popularizou nas redes sociais. Tomando essa expressão, e também “pessimismo”, como chaves de consulta ao *site* do acervo da *Folha de S. Paulo*³ e a artigos de opinião e comentários em *blogs*, *sites*, rádios e jornais *online*, veiculados sobretudo entre maio e julho de 2014, nosso primeiro intuito foi acompanhar sua circulação, com a hipótese inicial de que a maior densidade no uso dessas expressões poderia indiciar a reatualização dos discursos de identificação (e desidentificação) com o nacional que esses termos outrora ajudaram a construir.

Pressupostos teóricos e históricos

Encontramo-nos necessariamente em meio às teorias do discurso, e embora não tivéssemos de saída a pretensão de apreender essas expressões como fórmulas, no sentido de Krieg-Planque (2011), isto é, como formulações que se tornam passagens obrigatórias em relação às quais os locutores são constrangidos a tomar posições e a fazê-las circular, a ambientação conceitual dessa noção nos serviu como aporte fundamental. Coube-nos indagar, a partir desse recorte, se não como essas palavras se impõem como “solução” para mídia em geral, como sua curiosa ocorrência e distribuição em meios e grupos diferenciados acabam tornando-as “o instrumento e o lugar [...] das divisões e das junções que fundam o espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 13).

² Ver, por exemplo, Entrevista a Eduardo Giannetti, no jornal *Folha de S. Paulo* de 13/07/2014.

³ *Acervo Folha*, disponível para consulta no endereço: www.acervo.folha.com.br

Em uma retomada à categoria de fórmula de Krieg-Planque (2010), deve-se considerar a relação entre quatro propriedades como condição para o estatuto formulaico de uma sequência verbal: seu caráter cristalizado, isto é, sua inscrição numa forma significativa relativamente estável, que se reinscreve em paráfrases e variantes; seu caráter discursivo, que se apresenta numa “série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é retomada, comentada, para de funcionar no modo ‘normal’ das sequências que nomeiam pacificamente e que usamos sem mesmo nos dar conta delas” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 82); seu caráter de referente social, sua imposição como função de enquadramento do debate, cuja notoriedade pode ser constatada pelo “aumento da frequência desse signo, observado ao longo do tempo num *corpus* estável” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92), acompanhado pela produtividade lexicológica ou produção de derivados e compostos; por fim, seu caráter polêmico, pois “é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100), e, logo, objeto de polêmicas, conflitos, negociações. É em uma função dessas propriedades que pretendemos analisar a circulação desses termos eleitos como índices de uma questão que está posta no contexto de realização da Copa no Brasil: a capacidade do brasileiro diante do mundo.

Essa discussão sobre nossas capacidades teve como marco o conceito de Nelson Rodrigues de “complexo de vira-latas”, assim definido pelo autor: “por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 1958, p. 2). Se analisada hoje à luz dos estudos culturais e pós-coloniais, essa definição se alinharia aos esforços de explicitação do processo de internalização de uma diferença negativa em face do colonizador, experimentada pelos povos colonizados e pós-coloniais que, em publicação original de 1961, Frantz Fanon (2005) tratou mais amplamente como formação de um sujeito prensado, cindido pelas sujeições da situação colonial. Ambos constituem uma crítica ao modo eurocêntrico de objetivação do diferente e um gesto para sua superação, para que desaprendamos esse modo de subjetivação internalizado.

No começo da crônica de 1958, escrita dias antes da Copa do Mundo na Suécia, afirma Nelson Rodrigues (1958, p. 1): “o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!” Duas particularidades de sua formulação inicial são importantes: primeiro, a definição do complexo como pendulação entre “pessimismo obtuso” e “esperança frenética”; o pessimismo como “disfarce de um otimismo inconfesso” (RODRIGUES, 1958, p. 1). Assim entendido, o campo lexical do pessimismo está

intimamente ligado ao discurso “complexado”, daí nosso interesse pelo termo. Segundo: na crônica, o “complexo” está “por toda parte”, indistintamente distribuída por classes sociais. Será essa a compreensão do presente?

“Complexo da vira-latas”: frequência, enquadre e polêmica

Se, como afirma Ruy Castro⁴, a expressão de Nelson Rodrigues seguiu enterrada até a virada do século XXI quando se integrou ao pensamento brasileiro, o momento de realização Copa de 2014 marca certamente um período de maior circulação do termo. No *site Acervo Folha*, que nos permite pesquisar nas edições completas do jornal *Folha de S. Paulo* desde 1960, verificamos que a frequência do termo “complexo de vira-latas” aumenta significativamente a partir de 2007, ano em que o Brasil foi escolhido para sediar o Mundial: até então em geral com menos de cinco ocorrências anuais, o termo alcança sete registros em 2007, 13 em 2008, 11 em 2009, 6 em 2010, 12 em 2011, 18 em 2012, 8 em 2013 e 22 em 2014, ano de realização da Copa. É digno de nota que nesse período o termo circule nos mais variados cadernos da *Folha* (Primeiro Caderno, Cotidiano, Ilustrada etc.), inclusive alcance posições de destaque em 2014 em chamadas de primeira página e editorial (nas edições de 13 e 15 de agosto) e em alguns títulos.

Em 2014, que é nosso foco, encontramos o complexo associado a diversas editorias da *Folha*: desde o futebol (“[...] torcer para seus algozes é o cúmulo do complexo de vira-lata, viva a Argentina”, em 13/07/2014), a ciência (“[...] complexo de vira-lata da comunidade científica brasileira”, em 13/08/2014), o gosto por vinhos (“Afetações de um vira-lata”, em 23/06/2014), entre outros. Se o aumento de frequência é pequeno para atestar sua imposição no domínio jornalístico, é suficiente para registrar uma maior notoriedade desse enquadre de interpretação em debates sobre o país. Notoriedade que lhe outorga derivações e tons acusatórios na mídia alternativa, que circulam em *blogs*, *sites* e redes sociais: “viralatice”, “viralatismo”, “vira-lata!”.

Mas é seu caráter polêmico que irá barrar a expansão do termo como um enquadre mais amplamente disponível para a grande mídia corporativa. E esse caráter polêmico é dado

⁴ Informação oral dada no Documentário *O Complexo de Vira-Latas*, direção de Leandro Caproni (2014). Disponível em: <http://www.geledes.org.br/complexo-de-vira-latas-como-elite-brasileira-enfiou-isso-na-sua-cabeça/#axzz3CjQiO1hX> Acesso em: 17 jul 2014.

pelo fato de o termo estar associado a afirmações de integrantes do governo petista, a quem a mídia reputa sua reaparição:

15/07/2010 – Luiz Fernando Vianna – Somos idiotas⁵

Se o presidente Lula disser que não é justo nos comparar à Inglaterra estará sendo contraditório. Ele não se orgulha de fazer do Brasil um protagonista da política e da economia internacionais, livrando-nos do complexo de vira-lata, assim batizado por Nelson Rodrigues. Então por que, em vez de preparar uma Copa exemplar, os responsáveis públicos não fizeram praticamente nada desde 2007 [...]?

12/06/2014 – Eliane Brum – Orgulho de vira-lata

O conceito do genial cronista Nelson Rodrigues tem estado mais presente do que chicabon na boca de integrantes do atual governo, como a própria presidente Dilma Rousseff e o ministro Gilberto Carvalho. Parece só haver uma interpretação possível. Acredita que Manaus tem enormes carências, mas não precisa de estádio? Complexo de vira-lata. Critica atraso ou cancelamento das obras de infraestrutura? Complexo de vira-lata [...].

Assim, o uso do termo pela mídia, especialmente se condicionado pela temática da preparação e realização da Copa, não significa uma adesão ao termo e ao conteúdo de denúncia e superação formulados por Nelson Rodrigues. Nos dois textos acima, encontramos um uso distanciado da expressão, em que se atribui ao governo petista sua enunciação, considerada de alguma forma questionável. No caso do texto de Brum, de “conceito genial” a “conceito-chicabon”, o complexo de vira-latas teria se tornado expressão de um “vazio interpretativo”, como escreve a jornalista mais adiante, vazio em que se debateriam governo e parte da sociedade, incapazes de ver as mudanças do país, a partir de junho de 2013, e de construir sentidos para essas mudanças. Tomado como um objeto de polêmica, que é introduzido para melhor afastar sua ameaça (MAINGUENEAU, 2008), recusa-se sua capacidade de descrever os fatos políticos e sociais do presente, como fizera no passado, em outro contexto histórico. Sem dúvida, o artigo de Eliane Brum, veiculado no dia da abertura da Copa, responde à efervescência dos debates ao longo do mês anterior, em que diversos artigos da mídia alternativa, de *blogs* e *sites* de jornais *online* não alinhados com a grande mídia, acompanharam a Presidente Dilma Rousseff na interpretação de fatos e no uso do complexo de vira-latas como enquadre de interpretação, sobretudo, quando rebateu, no final de maio, as afirmações do ex-jogador Ronaldo, que disse se sentir envergonhado com os atrasos para os preparativos do Mundial. Na sequência das afirmações da Presidente, publicam-se em *blogs* textos que comentam claramente o episódio pela ótica do complexo:

⁵ Como o site *Acervo Folha* não disponibiliza *links* individualizados para as edições citadas, optamos por apresentar os dados completos no corpo do texto, de forma que possam ser acessados no endereço <http://acervo.folha.com.br> em pesquisa às expressões “complexo de vira-latas” ou “pessimismo”.

26/05/2014 – Davis Sena Filho – O complexo de vira-lata de Ronaldo e o narcisismo às avessas de Veja e Época - Vai ter Copa!⁶

Às vésperas de se abrirem as portas para a maior Copa do Mundo, o povo brasileiro tem de aturar um monte de bocas malditas que odeiam o Brasil e que não querem que este País e sua população se desenvolvam (grifos nossos).

29/06/2014 Jornalismo Wando – O *modus operandi* do viralatismo brasileiro⁷

[...] Mas a literatura do viralatismo nacional é farta. Os inúmeros problemas ocorridos durante a construção dos estádios foram martelados pelos noticiários e jogados na conta da nossa brasilidade. Acompanhamos uma exaltação diária dos nossos fracassos com os inúmeros problemas decorrentes das obras: atrasos, morte de operários, valores muito acima do previsto, processos e problemas de infraestrutura. ‘Ah, só podia ser no Brasil mesmo!’ [...]” (grifo do autor).

No pronunciamento que fez em cadeia nacional, no dia 10 de junho, logo antes da Copa, a presidente Dilma Rousseff deu mais claro contorno à figura dos então considerados “pessimistas” contra o qual o trabalho do povo brasileiro (e de seu governo) se colocariam: “no jogo, que começa agora, os pessimistas já entram perdendo. Foram derrotados pela capacidade de trabalho e a determinação do povo brasileiro, que não desiste nunca [...]”⁸. Ao que foi respondida por comentários, como os de Rogério Gentile em artigo na *Folha de S. Paulo*, que rebate a crítica da Presidente com uma suposta evidência baseada em fatos:

12/06/2014 – Rogério Gentile – Na torcida

[...] do jeito que as coisas vão, o risco de a imagem do Brasil sair chamuscada da Copa é maior do que a seleção de Felipão perder o torneio. Embora a presidente Dilma reclame de pessimismo, está mais do que evidente que o país não se preparou adequadamente para o evento.

Os excertos de textos aqui apresentados delineiam, assim, dois grupos claramente em confronto no cenário de forças no país: governo petista e grande mídia, ou governo e oposição (se consideramos que a grande mídia fez oposição clara ao governo). O complexo de vira-latas não deixa de ser uma fronteira entre essas duas forças operando no país e, no debate polarizado, tende a circular entre os partidários do governo com força crítica e tom acusatório, e entre seus oponentes com sua força interpretativa questionada e seu

⁶ Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/artigos/141191/O-complexo-de-vira-lata-de-Ronaldo-e-o-narcisismo-%C3%A0s-avessas-de-Veja-e-%C3%89poca---Vai-ter-Copa!.htm> Acesso em: 12 ago. 2014.

⁷ Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/blogs/jornalismo-wando/o-modus-operandi-viralatismo-brasileiro-113538162.html> Acesso em: 12 ago. 2014.

⁸ Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-de-radio-e-televisao-sobre-a-copa-do-mundo-2014> Acesso em: 12 ago. 2014

sentido esvaziado. É o questionamento à interpretação “viralatista” do governo que permite à mídia recusar a crítica que lhe é dirigida, mas sobretudo adotar como estratégia geral a incorporação de um tom pessimista, que se explicita pelo uso disseminado de expressões como “pessimismo”, “clima de pessimismo” e “mal-humor” – esses sim, candidatos mais efetivos à condição de fórmula no contexto da mídia corporativa.

“Pessimismo” e variantes: circulação formulaica e naturalização

É o campo lexical do “pessimismo” e a circulação de expressões como “péssimo”, “clima de pessimismo” e “mal-humor”, inscritas na matriz semântica do complexo de viralatas, mas que atenuam sua força de denúncia, que vão oferecer à grande mídia os meios para impor no debate seu posicionamento em relação à preparação da Copa. Inserido num cenário político de polarização entre governo e oposição, o momento de realização da Copa não deixa de reacender um dispositivo descrito entre os feitos e os malfeitos nacionais (LESSA, 2004, p.44-46). Enquanto o governo e os intelectuais petistas convergem esforços na defesa da realização da Copa como grande feito do país, do governo e do povo, a oposição, representada pela grande mídia, se empenha por explicitar os malfeitos e uma “insatisfação generalizada” contra os feitos do governo e do país.

Um eco às manifestações de 2013 pode ser percebido em diversos textos da grande mídia, mas é claríssima no comentário de Arnaldo Jabor à CBN “País está unido em uma insatisfação generalizada”⁹, em que o autor, ao mesmo tempo em que aplaude a “insatisfação generalizada”, envergonha-se da imagem de um indígena brasileiro flechando a polícia em Brasília, a circular pelo mundo. Neste e em outros comentários de Jabor, fica patente uma visão pessimista, inferiorizante e descompromissada com a luta das populações mais vulneráveis do país, cuja finalidade é disseminar uma ideia de incompetência e ingovernabilidade através de um léxico “complexado”:

27/05/2014 – Arnaldo Jabor – Essa será a Copa do medo¹⁰

⁹ Postado no *site* da CBN em 03/06/2014. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/06/03/PAIS-ESTA-UNIDO-EM-UMA-INSATISFACAO-GENERALIZADA.htm> Acesso em: 12 ago. 2014

¹⁰ Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2014/05/27/ESSA-SERA-A-COPA-DO-MEDO.htm> Acesso em: 12 ago. 2014.

[...] estamos vivendo uma mutação histórica, o mais claro sinal de que vivemos essa mutação é a Copa do medo [...] há um suspense se haverá um vexame internacional que já nos ameaça ou não, será péssimo para tudo, para a economia, transações políticas, se ficar visível com clareza sinistra a nossa incompetência endêmica e secular” [...].

Como parte desse léxico de matriz pessimista, as expressões “será péssimo para tudo”, “vexame internacional” e “incompetência endêmica” agudizam o sentimento de incapacidade. Arnaldo Jabor mereceu inclusive o artigo “O Anti-Nelson Rodrigues: Arnaldo Jabor e sua luta para que o brasileiro se sinta um derrotado”, do jornalista Paulo Nogueira¹¹, por, no entendimento do autor, fazer o oposto do que fazia o dramaturgo: enquanto este teria se esmerado em combater o que cunhou como “patologia nacional”, aquele luta para depreciar o Brasil, gotejando o seu desconforto sobre o seu povo, assim referido por Jabor no comentário de 3 de junho acima citado: “passividade doentia de vira-latas conformados”.

De maneira menos contundente, mas não menos eficaz do que os comentários de Arnaldo Jabor à CBN, os grandes jornais de oposição ao governo petista usam estratégia semelhante, de adoção de uma posição pessimista e de seu léxico em relação à preparação da Copa. A edição do jornal *Folha de S. Paulo*¹², do dia 12 de junho de 2014, data de início da Copa do Mundo, pode ser lida como um dossiê das tensões pré-Copa que atravessam o jornalismo dominante brasileiro, desde a manchete de primeira página “Copa começa hoje com seleção em alta e organização em xeque” e a chamada “Brasil é favorito ao título. Gastos bilionários e obras inacabadas geram desconfiança”. Sobre o sentimento de insatisfação gerado a partir das manifestações de junho de 2013, considerado legítimo, o Editorial, intitulado “Vai ter Copa”, afirma: “o conjunto da sociedade revelou sua insatisfação com os serviços públicos: transporte, saúde, educação, segurança, saneamento [...] Os protestos catalisaram a exasperação com a corrupção, com a inflação, com o crescimento pífilo da economia” (p. A4), apoiando os atos de protestos durante a Copa – “desde que pacíficos”. Outro excerto do texto de Rogério Gentile que citamos mais acima é também explícito no léxico pessimista: “se é verdade que a torcida influencia o resultado das partidas, o brasileiro precisa torcer muito para que, fora dos gramados, tudo dê mais ou menos certo, sem grandes vexames” (p. A4).

Se quantificarmos no *site Acervo Folha* o número de ocorrências da expressão “pessimismo”, encontraremos em 2014 o número mais alto de ocorrências (243) da série que

¹¹ Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-anti-nelson-rodrigues-arnaldo-jabor-e-sua-luta-para-que-o-brasileiro-se-sinta-um-derrotado/> Acesso em: 12 ago. 2014.

¹² A edição completa pode ser consultada pelo *site Acervo Folha*: Disponível em: <http://acervo.folha.com.br> Acesso: 08 ago. 2014.

se inicia em 2009, com 143, a segunda mais alta. Os meses de junho, julho e agosto de 2014 apresentam os índices mais altos de ocorrência no ano, os únicos acima de 30: 31, 35 e 39, respectivamente. É fato que o termo “pessimismo” não circule no período apenas no setor da Copa e do futebol: é bem mais freqüente sua associação com questões econômicas (crescimento da economia, consumo, mercado) e políticas (crise de representação, eleições). Poucos textos, na amostra entre junho e julho resultante da pesquisa no *site*, trazem a palavra “pessimismo” associada à preparação da Copa, inclusive alguma margem de erro nessa busca deve ser considerada, pois o texto de Rogério Gentile acima comentado, de 12 de junho, não é apresentado no resultado e contém a palavra “pessimismo”.

Em 22 de junho, dez dias depois do início da Copa, uma matéria na seção “A Copa como ela é”, intitulada “Prenúncio de que a Copa seria o ‘fim do mundo’ não aguentou três dias”, de Nelson de Sá (p. A10), tem como chamada: “Início do Mundial no Brasil reverteu expectativa da mídia internacional de que o evento seria desastroso para o país”. A expressão “pessimismo” surge num *box* intitulado “O que disseram sobre a Copa”, em que se apresenta uma nota de que revista alemã teria estampado “pessimismo” na capa e outra sobre o *New York Times* ter negado o “horror anunciado”. O pessimismo fica, assim, no entender do jornal, circunscrito à mídia internacional. Em 28 de junho, Ruy Castro em artigo intitulado “Não ia ter Copa” traz o que seria o *mea culpa*, agora sim, da própria mídia: “Nós, da mídia, fomos essenciais para esse pessimismo [...]. O “Imagina na Copa”, que começou como brincadeira, tornou-se a sentença para a nossa inabalável vocação para o subdesenvolvimento” (p. A2). Aqui quase se revela, no espaço da grande mídia, a cumplicidade negada entre o pessimismo e o (denunciado) viralatismo, justamente na voz de quem ajudou a difundir o conceito e o texto fundador de Nelson Rodrigues. Mas Castro não invoca, sobre a mídia, o complexo, mas sua (quase) paráfrase: “nossa inabalável vocação para o subdesenvolvimento”. Este rasgo de autocrítica não ganha repercussão no jornal, e no dia seguinte, em 29 de junho, a *Folha* volta ao seu consagrado refrão, em texto de Jânio de Freitas (p. A9):

A imprensa, a TV, as rádios que tocam notícia não deixam que nos enganemos: o nosso desânimo é total, o pessimismo nos imobiliza, o desemprego nos alarma, estamos todos reduzidos a desastres humanos e o país chafurdado na vergonha de seu fracasso [...]. Aí vem uma pesquisa internacional, a Gallup World [...] e traz essa conclusão: pela oitava vez consecutiva, o Brasil “está no topo” em satisfação com a vida nos futuros cinco anos.

Ao desencontro entre esses dois países (um otimista e um pessimista), o jornalista responde com seu cansaço interpretativo. No mesmo dia, em outra parte do jornal, é a vez de

Persio Arida: “apesar do pessimismo que vigora hoje em dia” (p. B5). Eis que o termo vai ganhando em naturalização, não se exigem mais suas credenciais (setor de aplicação, pesquisas que o comprovem, fatos que o justifiquem); a repetição faz dele um velho conhecido: sabemos todos do que se trata. Assim é o efeito de fórmula com se apresenta à medida que se torna mais e mais repetido, mais e mais assumido como lugar discursivo, isto é, “materialidades nas quais os comentadores se apóiam para atribuir posições, a si mesmo e aos outros” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 23). Julho virá com outras tantas ocorrências que já encontram o solo preparado para sua repetição *tout court*, ainda que o sucesso da realização da Copa seja uma evidência mundial.

Ao governo caberá denunciar o que chamou de “pessimismo da imprensa”, em reunião após o encerramento do Mundial¹³ e também alertar para uma transferência de setor do pessimismo: “o mesmo pessimismo que ocorreu com relação à Copa está havendo com relação à economia. E com a economia é mais grave, porque a economia é feita de expectativa”, teria afirmado a Presidente Dilma em “sabatina” retomada por jornalistas da *Folha* em matéria de 29 de julho (p. A2), intitulada “Pessimismo que antecedeu a Copa agora afeta economia”. Em 31 de julho, na seção Eleições 2014 da *Folha*, esse mesmo ponto de vista da Presidente Dilma é introduzido pelo verbo “martelar”, consolidando a representação padrão que se faz da opinião da Presidente: “[...] Dilma voltou a martelar que há ‘surto’ injustificados de pessimismo, que têm atrapalhado o desempenho do país” (p. A4)¹⁴. Assim, aos poucos o contexto pré-eleitoral vai incorporar ao debate os termos, as fórmulas e a polarização que o período de realização da Copa prenunciaram:

09/08/2014 – Cristina Camargo – Aécio critica Dilma e diz que maioria é pessimista
Em resposta ao discurso da Presidente Dilma Rousseff de que “a verdade vai vencer o pessimismo”, o presidenciável Aécio Neves (PSDB) disse nesta sexta (8) que a maioria da população é pessimista. [...] é bom que fique claro que o pessimismo não é com o Brasil, mas com relação ao governo. A este governo que fracassou [...].

Mas vai exigir que se separe aquilo que por tantos meses permaneceu ambíguo no discurso da mídia: é preciso salvar o país e deixar como alvo apenas o governo. Essa é outra batalha discursiva, que nossa pesquisa por hora não tem por objetivo alcançar.

¹³ Ver matéria de Tai Nalon e Filipe Coutinho, *Folha de S. Paulo*, 15 jul. 2014, p. D2.

¹⁴ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=pessimismo&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>
Acesso em: 15 dez 2014.

Palavras finais

Se os discursos anti-discriminatórios, embora tenham sido menos estudados da perspectiva da Análise Crítica do Discurso, seriam, nas palavras de van Dijk¹⁵, idealmente aqueles que tenderiam a enfatizar as qualidades positivas dos grupos inferiorizados e também realçar as qualidades negativas dos discriminadores, revertendo a polarização discriminatória entre grupos (VAN DIJK, 2012), isto é, produzem e divulgam crenças alternativas às que são hegemonicamente compartilhadas sobre o Nós/Eles, a partir justamente da perspectiva e dos valores dos grupos inferiorizados, nossa conclusão é de que as afirmações que criticam a inferiorização voluntária do brasileiro cumprem esse papel de um discurso de resistência ao que estaríamos massivamente expostos quando ouvimos e lemos a grande mídia noticiar o país, com ênfase nos nossos defeitos e incapacidades (autodepreciação) e todo um aparato discursivo próprio, cujo léxico podemos apontar.

A realização bem-sucedida da Copa no Brasil teve, assim, o mérito de permitir um debate atualizado em torno das nossas capacidades de realização em face do mundo e uma evidência empírica de que fomos capazes, como brasileiros, de planejar e executar as tarefas complexas exigidas pelo megaevento. O complexo de vira-latas, como enquadre interpretativo crítico ao modo como a mídia hegemônica narrou a preparação e realização da Copa, saiu fortalecido, na medida em que as tantas “evidências” que foram apresentadas como motivos para o pessimismo caíram por terra com o sucesso de evento. Mas, esse enquadre, que cobra da mídia uma participação mais efetiva na construção de uma visão positiva das capacidades dos brasileiros – para o qual o pessimismo é um eufemismo para viralatismo, tão inadequado quanto este para descrever a capacidade do brasileiro – foi rechaçado pelo discurso blindado da grande mídia, que encontrou justamente na circulação e naturalização do seu léxico o elo para a narrativa dos fatos: entre o contexto das manifestações, a realização da Copa e as eleições, o pessimismo do brasileiro é o fato comum a ser “registrado”, e não reforçado, reinvestido.

No entanto, o debate polarizado entre enunciadores pró e contra governo permaneceu distante de outro debate que os Comitês Populares da Copa propuseram sobre a capacidade de o Brasil ser um bom anfitrião para si mesmo, para sua população, especialmente para as populações mais vulneráveis, um outro viés da crítica ao complexo de vira-latas. A luta desses

¹⁵ Informação oral obtida de Teun A. van Dijk obtida durante o evento *I Encontro em texto e discurso: discurso, mídia e conhecimento*, realizado em 3 de dezembro de 2013, na Universidade Federal do Espírito Santo, organizado pelo GEDIM - Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático.

movimentos populares, que esteve no bojo das manifestações de 2013, foi silenciada e esvaziada quando não se deu espaço discursivo – nem a oposição nem o governo – para a questão da violação de direitos humanos, amplamente documentada através de documentos como o *Dossiê Megaeventos e violação de direitos no Brasil*¹⁶, preparado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, e de livros (PAULA; BARTELT, 2014) visando a um público internacional, mas que não deixaram de reverberar o discurso dos Comitês Populares nacionais e dos atingidos.

Considerando a afirmação de Foucault (1985, p. 96-97) de que “[...] os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas”, fica-nos a impressão de que os discursos polarizados entre governo e oposição no campo da representação da capacidade dos brasileiros, podem, do ponto de vista das estratégias e táticas dos movimentos populares neste evento, serem lidos como táticas contraditórias de uma mesma estratégia de silenciamento desse outro debate de caráter popular que esses discursos ou se apropriaram indevidamente, como fizeram a oposição e a grande mídia, ou não deram ouvidos, como fizeram o governo e a imprensa petista. Esse outro debate permanece na pauta das Olimpíadas em 2016, esperando que as condições de audição e resposta aos seus anseios se façam mais presentes na sociedade brasileira.

Referências

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

KRIEG-PLANQUE, Alice. 2011. Entrevista com Alice Krieg-Planque. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-40.

_____. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola, 2010.

LESSA, Carlos. *Auto-estima e desenvolvimento social*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

¹⁶Disponível em:

http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=198:dossi%C3%AA-nacional-de-viola%C3%A7%C3%B5es-de-direitos-humanos Acesso em: 15 jul. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAULA, M.; BARTELT, D. D. (Orgs.). *Copa para quem e para quê? Um olhar sobre os legados dos mundiais no Brasil, África do Sul e Alemanha*, 2014. Disponível em: http://br.boell.org/sites/default/files/copa_para_quem2_web_boll_brasil.pdf Acesso em: 16 out. 2014.

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas. 1958. Disponível em: http://www.releituras.com/nelsonr_viralatas.asp Acesso em: 15 set. 2013.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2012.

Artigo recebido em: 30.04.2015

Artigo aceito em: 02.06.2015

Artigo publicado em: 28.07.2015